

Segmentações não-convencionais: evidências do trabalho epilinguístico no processo de construção de texto

Adelaide Maria Nunes Camilo

Universidade Estadual de Campinas

adelaidecamilo@gmail.com

Abstract

This paper addresses the issue of observing acting of the erasures on word boundaries, focusing on the non conventional segmentations, as evidences from the writer's transit between literate and orality information. For this purpose, we analyzed texts of Brazilians students, from first grade to high school. As theoretical foundation, it was used Abaurre's (1991) and Nespor & Vogel's (1986) studies for the structural analysis of non conventional segmentations. Due to literacy marks, it was extremely important the works of Chacon (2004) and Capristano (2010) about the erasures on child's texts, and also Corrêa's (2004) concept of heterogeneity of writing.

Keywords: erasures, spelling conventions, orality, literacy.

Palavras chave: rasuras, convenções ortográficas, oralidade, letramento.

Introdução

Ainda muito cedo, quando introduzidas ao ambiente escolar, as crianças devem aprender a segmentar a escrita, tarefa que não se apresenta de modo fácil para os escreventes iniciantes. Ao tentar lidar com as convenções ortográficas, a criança busca se ancorar em padrões por ela já conhecidos, como as semelhanças entre o caractere gráfico e o som da língua. Nessas tentativas de acertar, o escrevente muitas vezes “joga” com os signos gráficos, ora juntando partes de palavras, ora separando-as, na busca de compreender e acertar o lugar em que deve colocar o espaço em branco. A partir dessa constatação de que, para a criança, não há clareza quanto à definição do que é *palavra*., neste trabalho, buscamos discutir as segmentações não-convencionais como pistas da percepção, pela criança, tanto de aspectos prosódicos da língua portuguesa, quanto da ideia por ela feita sobre o código escrito durante seu processo de aquisição da escrita.

A fim de fomentar a discussão, usaremos, como material, textos escritos em Português Brasileiro produzidos por duas alunas de escola particular da região de Campinas (SP) e pertencentes ao Banco de Dados de Aquisição de Escrita, elaborado como parte do projeto CNPq "A relevância teórica dos dados singulares na aquisição da escrita", desenvolvido entre 1999 e 2005 no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, sob a coordenação da professora Maria Bernadete Marques Abaurre. Tais textos foram produzidos em contexto escolar, tendo, a princípio, como interlocutor unicamente o professor responsável pela turma, cabe ainda ressaltar que, todas as produções textuais aqui utilizadas tratam-se de versões finais encontradas nos cadernos de classe dos alunos. Neste trabalho, em específico, serão desconsiderados os textos pré-primários.

Para analisarmos os dados de forma qualitativa, adotaremos como metodologia o *paradigma indiciário* de Ginzburg (1989), cuja aplicação aos estudos de aquisição da escrita foi proposta e discutida em Abaurre et al (1997). Com base nos pressupostos desse paradigma, buscaremos demonstrar que os “erros” cometidos pelo aprendiz nada mais são do que “indícios de um processo em curso de aquisição da

Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, 2014, pp. 139-144, ISBN 978-989-97440-3-5

representação escrita da linguagem, registros de momentos em que a criança torna evidente a manipulação que faz da própria língua” (ABAURRE et al, 1997, p. 16).

De tal modo, ao tomarmos as ocorrências apresentadas como dados singulares, assumimos que

às vezes, um dado singular não tem aparentemente uma explicação para sua ocorrência, é idiossincrático, diferente e, muitas vezes ‘estranho’. O trabalho do analista será o de justificar sua ocorrência, buscando compreender os fenômenos que estão por trás dela. Para isso, é importante que a explicação dos processos inerentes a esses fenômenos, ou seja, que a maneira como determinado dado possa ter aparecido seja objeto de reflexão para o analista cujo objetivo é justamente tentar desvendar aquilo que é surpreendente em um dado singular. (DUARTE, 1998, p.62)

Os caminhos da segmentação: arcabouço teórico

De acordo com a literatura, as segmentações não-convencionais de palavras são caracterizadas em função de haver inserção ou ausência de espaços em branco de modo a não atender à convenção ortográfica que delimita palavras. Assim, as segmentações não-convencionais podem ser classificadas como: (i) *hipossegmentação*: quando há ausência do espaço em branco entre duas palavras em locais previstos pela ortografia, como “derrepente”, “comcerteza” e “perseguido”; (ii) *hipersegmentação*: quando há presença do espaço em branco em locais não previstos pelas normas ortográficas, como “em bora”, “de mais” e “com migo”.

Cagliari e Abaurre (1985) defendem que grande parte da dificuldade encontrada pelas crianças em segmentar seus enunciados advém de sua percepção fonética daquilo que desejam representar. Além disso, o contato dos escreventes com textos escritos e sua percepção de que, além da fonética, são usados, na hora de escrever, critérios semânticos, acabam gerando dúvidas de tal forma que os escreventes tendem a segmentar mais do que a ortografia prevê, atribuindo, por exemplo, sentidos a subpartes de palavras. Abaurre (1988) ainda reflete sobre o processo percorrido pela criança e defende que tais segmentações de palavra podem seguir critérios fonéticos, semânticos ou característicos da escrita, sendo estes denominados critérios *epilingüísticos*.

Baseados nesses estudos pioneiros, Capristano (2004), Chacon (2004) e Tenani (2004) também se dedicaram à investigação das segmentações não-convencionais de palavras em textos infantis e argumentaram que a fuga à convenção ortográfica poderia ser motivada por um movimento de subjetivação do escrevente a partir do momento em que se enxerga uma “preocupação” a respeito da distribuição dos espaços em branco, sendo as segmentações não-convencionais construções por meio das quais o escrevente revelaria marcas de sua subjetividade no texto que produz, evidenciando, assim, a dificuldade em identificar os limites de palavras. Esses pesquisadores explicitam, também, que esses dados dão pistas da organização prosódica da língua (*pé métrico, palavra fonológica, grupo clítico*), além de serem indícios de como os sujeitos lidam com certas informações letradas.

Chacon (2004) destaca que múltiplos aspectos linguístico-discursivos estariam envolvidos no processo de segmentação do enunciado. Dessa forma, a maneira como o escrevente segmenta as palavras seria indício de seu trânsito por práticas de oralidade e letramento. Em relação à oralidade, a prosódia estaria refletida na produção infantil quando, por exemplo, partes separadas pelos espaços em branco parecem corresponder aos constituintes prosódicos propostos, por exemplo, por Nespor e Vogel (1986), ou seja, a criança separa a palavra em unidades prosódicas reconhecendo possíveis proeminências, como é o caso de um dado de escrita infantil como “sero mano” (para “ser humano”), em que o aluno, a partir da fônica das sílabas proeminentes, identifica como dois pés rítmicos binários, estrutura típica do Português Brasileiro, como explica Abaurre (1991, p. 209): “(...) as crianças, nessa fase, sentem-se particularmente à vontade, em termos rítmicos, com as seqüências em que se alternam regularmente as sílabas fortes e as fracas, nos troqueus binários.” Quanto ao letramento, Chacon (2004) se debruça sobre o modo pelo qual a noção de palavra aparece nos enunciados infantis, já que a segmentação ocorre de acordo com aquilo que o aluno entende por “palavra”. Assim, elementos clíticos podem aparecer em seus textos como palavras gráficas, ou como parte de palavras, como em “em bora”, em que o aluno reconhece

“em” como uma palavra gráfica e, portanto, hipersegmenta, ou em “pegalo”, em que reconhece o clítico como parte da palavra, produzindo, desse modo, a hipossegmentação.

A respeito do modelo prosódico acima citado, tomamos como ponto de partida os estudos de Nespor e Vogel (1986), que propõem a divisão do componente fonológico em sete categorias ou domínios. Aqui, trabalharemos apenas com quatro dessas categorias: palavra fonológica, grupo clítico,¹ frase fonológica e frase entoacional. Pretendemos usar esta teoria como fundamentação para a hipótese de que, ao escrever, a criança deixaria marcas de oralidade em sua escrita, permitindo-nos detectar traços do imaginário de escrita presente nas práticas sociais orais e letradas em que ela se encontra.

Dados de segmentação

Durante o trabalho de localização de dados, foram encontradas diversas ocorrências de segmentações não-convencionais de palavras em estruturas muito semelhantes, como: “derepente”, “desúbito” e “oque”. Podemos perceber nos dados abaixo apresentados que, nos três casos citados, o escrevente hipossegmenta a cadeia escrita de modo a unir o elemento clítico à palavra seguinte.

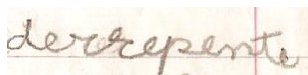


Figura 1: De repente

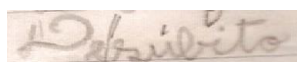


Figura 2: De súbito



Figura 3: O que

Nestes casos, assim como apresentado por Abaurre e Silva (1993), os elementos clíticos, como artigos, preposições, conjunções (ou seja, monossílabos átonos), seriam estruturas que as crianças apresentariam dificuldades em identificar como palavras independentes:

Esses parecem ser, dentre outros, os elementos que as crianças muitas vezes não dissociam dos itens lexicais nos quais estão **semantica e fonologicamente** ‘apoiados’ (no sentido de que podem, na fala, vir a constituir **grupos de força** ou mesmo **grupos tonais**, quando associados a outros itens lexicais), provavelmente por não conseguirem a eles atribuir qualquer estatuto autônomo com direito a um recorte próprio em termos de realidade. (Abaurre e Silva, 1993, p.16, grifos dos autores)

Ainda em relação ao grupo clítico, em estudo realizado por Ferreiro e Pontecorvo (1996) com crianças de quatro países (México, Brasil, Uruguai e Itália), notou-se uma dificuldade geral em segmentar sequências com palavras de poucas letras, duas ou três, sobretudo, quando uma só letra deveria permanecer funcionando como palavra, o que aponta para uma tendência das crianças em início de alfabetização de considerar que “há palavras e outras coisas que se dizem ‘para juntar as palavras’”(FERREIRO; PONTECORVO, 1996, p. 45), sendo estas ‘coisas’, os elementos clíticos.

A partir do levantamento de dados para este trabalho e de estudos feitos anteriormente, foi possível notar que a maior parte das segmentações não-convencionais acontece quando está em jogo o elemento clítico+palavra fonológica, ou uma palavra fonológica em que a sílaba inicial seja correspondente a um elemento clítico da língua, como no exemplo abaixo:



Figura 4: Embora

¹ Neste trabalho, deixamos de lado a discussão a respeito da pertinência da existência do grupo clítico para os estudos dos componentes fonológicos do Português, apenas nota-se como os domínios prosódicos do modelo proposto por Nespor e Vogel (1986) podem aparecer em questões de escrita infantil.

Podemos observar que a primeira opção de escrita da criança, neste caso, foi ‘em bora’, hipossegmentando a primeira sílaba da palavra. Devemos considerar aqui que o monossílabo “em”, em português, é uma conjunção, ou seja, elemento comumente encontrado escrito isoladamente em textos escritos. Levando em consideração essa informação letrada, o escrevente grafa separadamente e, depois, ao retornar à sua escrita, ele apaga a primeira grafia e reescreve a palavra, unindo os dois segmentos, assim como previsto pelas convenções ortográficas.

Assim, podemos afirmar sobre esses exemplos que, para além de trabalhar com noções prosódicas, o escrevente, ao segmentar seu texto, também trabalha com noções próprias do texto escrito, como a existência de elementos gramaticais monossílabos na escrita do português que, embora muitas vezes sejam pronunciados em uma frase como uma única cadeia fônica, aparecem, na escrita, entre espaços em branco. Seguindo essa linha de raciocínio de que o escrevente ancora-se, ao mesmo tempo, em aspectos letrados e falados, apresentamos os próximos dados.

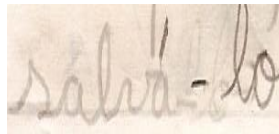


Figura 5: Salvá-lo

Ainda se tratando do grupo clítico, podemos notar, na ocorrência acima, não só a postulação de um elemento clítico, mas a tentativa de alçar sua escrita a um imaginário de uma forma privilegiada pela escrita culta formal, na medida em que o escrevente opta por usar um pronome enclítico, enquanto a forma mais recorrente no Português Brasileiro seria o pronome proclítico.

Dessa forma, o escrevente explicita, como afirma Corrêa (2004, p. 24):

as representações que faz de si mesmo, do interlocutor e da própria escrita, as quais registram, no texto, outras particularidades a respeito da inserção sociolinguística do escrevente, tais como representações sobre o espaço e o tempo da interlocução, sobre a variedade e o registro a serem utilizados, sobre a modalidade, revelando, em suma, uma representação do escrevente sobre a norma que é levado a reproduzir na escola.

É interessante notar que, no início da aquisição da linguagem, as crianças operam com critérios prosódicos da língua, manipulando o *continuum* fônico a partir de focalizações de porções que de alguma forma se tornam salientes, de modo que o uso que fazem dos espaços em branco na escrita parece registrar, de fato, pausas reais da fala, assim como já foi apontado por Abaurre (1991, p. 8), “em algumas dessas escritas, parecem estar identificados e delimitados, pelos espaços em branco usados pelas crianças, inteiros grupos tonais (unidades de fala semanticamente completas que recebem contorno entonacional particular).”



Figura 6: Pensou eu

No dado acima, o escrevente explicita sua percepção do contorno prosódico representativo de uma frase fonológica. A frase fonológica é o componente fonológico imediatamente acima do grupo clítico e apresenta uma entonação característica que corresponde a uma estrutura sintática, ela é formada por um núcleo nominal juntamente com tudo o que está ligado a ele do lado não-recursivo da língua, no caso do Português Brasileiro, do lado esquerdo.

Observemos agora um exemplo em que a criança parece se basear na percepção da frase entonacional:

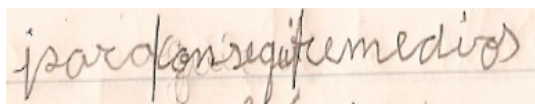


Figura 7: Para conseguir remédios

Segundo o modelo proposto por Nespor e Vogel (1986), a frase entonacional poderia corresponder a uma sentença-raiz ou a uma estrutura extra-oracional. Dessa forma, para sua identificação, supõem-se informações fonológicas, sintáticas, semânticas e de performance. Esse domínio prosódico apresenta contorno entonacional típico e pausas delimitando seu início e término.

Ao unir toda a frase “para conseguir remédios”, o escrevente deixa indícios de sua percepção do contorno entonacional próprio do constituinte prosódico que está lidando, colocando os espaços em branco justamente onde seriam localizadas as pausas de delimitação da estrutura.

Porém, é importante destacar que esse enunciado se encontra em um local de limite de página, o que também pode ter influenciado a criança a unir as partes com o intuito de economizar espaço. Com isso, fortalecemos nossa hipótese de que o escrevente não se baseia apenas na oralidade, mas também em fatores próprios da escrita, como o espaço disponível na folha, para construir seu texto.

Esse tipo de dado explicita a constituição heterogênea da linguagem como defendida por Corrêa (2004), ao defender que a escrita é constituída, ao mesmo tempo, por traços orais/falados e letrados/escritos, provenientes do trânsito do sujeito por diversas práticas sociais:

A gênese da escrita consiste, portanto, na atribuição de um lugar para o oral/falado no letrado/escrito, ou seja, consiste num registro específico da relação entre esses pares e testemunha o trânsito próprio das práticas sociais. Ao mesmo tempo que esse trânsito põe às claras a falsa pureza da escrita, leva também o escrevente a supô-la como representação fiel do oral/falado no letrado/escrito, uma vez que, ao projetar um material significante (o fônico) no outro (o gráfico), ele tende a identificar as duas modalidades. (CORRÊA, 2004, p. 83)

Por fim, cabe agora explicitar que todos os dados aqui citados encontram-se com rasuras justamente nos locais de segmentação. Eles foram selecionados propositalmente com o intuito de mostrar que a segmentação de palavras ainda se mostra como um ponto de instabilidade na língua, de forma que, mesmo tomando por base alguns critérios prosódicos para fundamentar sua segmentação, o escrevente se mostra inseguro frente ao código escrito, de maneira que as rasuras indicariam a (re)construção linguística do sujeito-escrevente no processo de produção de seu texto.

Com base no conceito de escrita elaborado por Côrrea (2004) e das análises de segmentações não-convencionais apresentadas por Chacon (2013), direcionamos nosso olhar sobre os dados de rasuras. Em seu trabalho, Chacon argumenta a respeito da complexidade da escrita e da maneira pela qual as crianças em fase de aquisição do código escrito circulam pelas práticas orais e letradas. O autor defende que os enunciados característicos dessa fase de aquisição seriam efeito de uma conjunção entre:

(1) informações lingüísticas que circulam em práticas de letramento, nas quais se dá o confronto da criança com informações lingüísticas difundidas por meio de propriedades gráfico-visuais, e (2) informações lingüísticas que circulam em práticas de oralidade, nas quais se dá o confronto da criança com informações lingüísticas difundidas por meio de propriedades acústico-auditivas. (CHACON, 2013, p. 3)

Acreditamos, assim como Abaurre et al (1997, p. 24), que “por trás do trabalho de modificação de algo anteriormente escrito sob forma diversa, escondem-se, frequentemente, motivações, as mais variadas, reveladoras das singularidades dos sujeitos e da relação por eles estabelecida com a linguagem”.

Considerações finais

A partir do exposto, podemos concluir que as correções feitas pela criança sobre sua escrita, refletem, frequentemente, o contato que têm com a língua tanto em situações escolares, quanto em situações extraescolares, explicitando em seu texto a postura de seu professor e a forma como ele enxerga o texto escrito, espaço de rigidez e aplicações mecânicas de regras, tornando a escrita “um espaço a mais, importantíssimo, de manifestação da singularidade dos sujeitos” (ABAURRE et al , 1997, p. 23).

Com isso, pudemos evidenciar que as rasuras, para além de explicitar as dificuldades perante aspectos estruturais da língua, dão evidências do trânsito do escrevente entre informações letradas e percepção de aspectos da oralidade, já que o aluno segmenta uma palavra tanto a partir dos sons que nela identifica, como da noção de palavra que ele carrega consigo. Assim, a fuga à convenção ortográfica poderia ser motivada pelo fato de os alunos refletirem sobre a língua, sendo as segmentações não-convencionais locais em que o escrevente revelaria marcas de sua subjetividade no texto que produz, evidenciando, assim, o seu raciocínio acerca dos limites de palavras.

Referências

- ABAURRE, M. B. M (1988) O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In KATO, M. A. (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes Editores, pp. 135-142.
- ___ (1991) A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralín* 11, Campinas, pp. 203-17.
- ___.; CAGLIARI, L. C (1985) Textos espontâneos na primeira série: evidências da utilização, pela criança, de sua percepção fonética da fala para representar e segmentar a escrita. *Cadernos CEDES - Antropologia e Educação Interfaces do Ensino e da Pesquisa* 14 , São Paulo, pp. 25-29.
- ___.; et al (1997) Em busca das pistas. In *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas, SP: Mercado das letras, pp. 13 -36.
- ___.; SILVA, A (1993) O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em psicologia* 1 . São Paulo, pp. 89-102.
- CAPRISTANO, C. C (2004) A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre segmentações não-convencionais. *Revista Letras de Hoje* 39 (3), Porto Alegre, pp. 245-260.
- CHACON, L (2004) Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Revista Letras de Hoje* 39 (3), Porto Alegre, pp. 223-232.
- _____.(2013) Flutuação na segmentação de palavras: relações entre constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil. *Filologia e Linguística Portuguesa* 15 (2), São Paulo, pp. 369-383.
- CORRÊA, M. L. G (2004) *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes.
- DUARTE, C (1998) *Uma análise de procedimentos de leitura baseada no Paradigma Indiciário*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- FERREIRO, E.; PONTECORVO, C (1996) Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo: Ática, pp. 38-66.
- GINZBURG, C (1989) Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In *Mitos, emblemas, sinais*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras.
- NESPOR, M.; VOGEL, I (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- TENANI, L (2004) Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Revista Letras de Hoje* 39 (3), Porto Alegre, pp. 233-244.